

NOTAS SOBRE METODOLOGIA E O SABER COMUNICACIONAL A PARTIR DO VIÉS DA ESCOLA DE CHICAGO¹

Daiani L. Barth²

RESUMO

A Escola de Chicago é fundada em meados do século XIX e influencia fortemente a Sociologia norte-americana até a primeira metade do século XX. Passa a ter caráter decisivo na construção metódica nessa área, bem como na elaboração posterior de estudos em torno de fenômenos comunicacionais, sobretudo a partir de Robert Park e suas observações acerca do fenômeno do Jornalismo e o processo migratório nos Estados Unidos. Ao eleger um olhar metódico centrado no contexto da pesquisa consoante a perspectiva de Chicago, defende-se o entendimento metodológico em sintonia com a proposta de construção do conhecimento acerca do saber comunicacional onde possa ocorrer a passagem do pesquisador de um modo de anomia para outro que permita a autonomia diante da pesquisa. A jornada de aprender a pensar epistemologicamente acerca de seu papel na construção do conhecimento depende disso, e a escola de Chicago assume relevância nesse sentido, o que está em relação com o processo de construção do saber metodológico comunicacional.

Palavras-chave: epistemologia; saber comunicacional; Escola de Chicago.

ABSTRACT

The Chicago School was founded in the nineteenth century and strongly influenced American sociology until the first half of the twentieth century. It has a decisive character in the methodical construction in this area, as well as in the later elaboration of studies on communicational phenomena, especially from Robert Park and his observations on the phenomenon of Journalism and the migratory process in the United States. By choosing a methodical look centered in the context of the research, this paper defends the methodological understanding in accordance with the perspective of Chicago. In this perspective, the construction of the knowledge about the communicational knowledge can occur in the passage of the researcher from one mode of anomie to another that allows autonomy in the research. The journey of learning to think epistemologically about its role in the construction of knowledge depends on this, and the Chicago school assumes relevance in this sense, which is in relation to the process of construction of communicational methodological knowledge.

Keywords: epistemology; communicational knowledge; Chicago School.

Introdução

Este trabalho trata de reflexão epistemológica acerca do entendimento conceitual da metodologia na Comunicação³, na perspectiva da Escola de Chicago. O texto visa

¹ Trabalho apresentado no V Encuentro Latinoamericano de Metodología de las Ciencias Sociales (Elmecs), em Mendoza (Argentina) em novembro de 2016, com revisões realizadas para esta publicação.

² Jornalista e Doutoranda em Comunicação e Sociedade no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB). Professora Assistente no Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Rondônia (Unir) – campus Vilhena.

contribuir com a reflexão acerca de lógicas apropriadas no estudo de fenômenos acerca da Comunicação, bem como realizar o resgate de uma concepção conceitual metodológica voltada para um entendimento além da descrição metódica, ao emergir a riqueza proveniente da metodologia.

Em livros de tipo “manual”, onde figuram os elementos formadores de um trabalho acadêmico de maneira padronizada para algo que se pretende reconhecer enquanto caráter científico, o entendimento de metodologia perpassa o modelo de *como fazer* a produção de conhecimento. Assim, a pesquisa é dividida tal qual um móvel que se adquire pré-fabricado, cujo resultado final, se o encaixe das partes ocorrer devidamente, está previsto no manual de instrução. O problema de um roteiro de procedimentos pré-definido é que, conceitualmente, epistemologia, metodologia, método, técnica, instrumento, hipótese, ou ainda, o próprio empirismo, não são formulados e explicitados criticamente como processos geradores de conhecimento.

Em detrimento dessa ideia, emerge uma proposição de estudos que consideram, sobretudo, o contexto de pesquisa, na incipiente Sociologia praticada na Escola de Chicago, fundada no século XIX nos Estados Unidos. Esses estudos influenciam, entre outras áreas do conhecimento, a própria formação de um campo institucionalizado em torno de fenômenos da Comunicação, ao marcar o início de teorias que envolvem o fenômeno dos meios de comunicação de massa.

Os estudos em Chicago, de Robert Park, nos anos 1910, e suas observações acerca do processo migratório nos Estados Unidos e, especialmente, o entendimento do Jornalismo como forma de conhecimento (PARK, 2008) são pioneiros. A partir de um olhar centrado, portanto, nos cenários da pesquisa, característica marcante dos estudos de Chicago, defende-se o entendimento metodológico em sintonia com a proposta de construção do conhecimento onde possa ocorrer a passagem do pesquisador de um modo de anomia para outro que permita a autonomia diante da pesquisa acadêmica.

Sobre a construção de um lugar de fala acerca de metodologia

³ Importa esclarecer, desde já, que a discussão do campo e/ou disciplina da Comunicação não é abordada neste trabalho, tendo em vista a opção epistemológica que versa sobre fenômenos em torno de um saber comunicacional.

O fazer metodológico entendido como “processo que torne possível a descrição, a classificação e a previsão dos objetos cognoscíveis” (ABBAGNANO, 2007, p.164) é deveras restrito, quando se considera um olhar apressado aos dicionários. Para além disso, algo que permanece constante em metodologia é sua necessidade de (re)formulação, contrária ao conteúdo que versa sobre a normatização de referências bibliográficas, questionários, cronogramas, o que é (sucintamente) uma pesquisa quantitativa, com demonstrações estatísticas e exemplos por meio de gráficos, além das características de uma pesquisa qualitativa ou, ainda, as duas perspectivas em uma mesma investigação⁴.

A pesquisa dividida em partes logicamente encadeadas e que suprem a necessidade por resultados, corrobora em modos de pensar que ignoram a densidade e a riqueza metodológica. Sob esse enfoque, o entendimento reduz-se a etapa de coleta de dados, onde o (a) pesquisador (a) direciona a análise com vistas a provar e validar uma hipótese desejada. Dessa maneira, a necessidade de respostas e soluções promove a construção mental de um porto seguro (DEMO, 1995) estável, em consonância com a precisão dos procedimentos adotados, onde a dúvida e o erro são desprezados porque incorrem em falhas e riscos.

Consequentemente, ao invés de buscar a verdade acerca do fenômeno em estudo, peca-se pelo esquecimento de que entre o dado empírico e o objeto de pesquisa existe uma distância razoável, o que corrobora para que “(...) a imaginação entre em cena eliminando facilmente o abismo. (...) Ela ‘realiza’ o ideal e até o impossível” (KOYRÉ, 1982, p. 209).

A tendência pela valorização de produção de resultados e que, ao mesmo tempo, ignora ou minimiza a produção de sentidos acerca dos fenômenos estudados, requer a construção de um lugar de fala que considere o entendimento da ciência como *coisa viva* (SANTAELLA, 2001), experiência intrínseca do pesquisador. Por isso, Goode & Hatt esclarecem que “cada conceito, em resumo, comunica ao especialista uma grande quantidade de experiência, abstraída e esclarecida para aqueles que compreendem o termo” (1989, p. 58).

É nesta esfera que se busca um entendimento científico em sintonia com a proposta de construção de conhecimento onde possa ocorrer, de fato, a passagem do

⁴ A perspectiva adotada neste trabalho evita priorizar argumentos quanti ou qualitativos, entendendo a pesquisa como processo dinâmico de idas e vindas, onde essas duas esferas se complementam.

pesquisador de um modo de anomia para outro que permita, primeiramente, um estado de heteronomia (que ocorre em sua formação), com vistas a posterior autonomia,⁵ que é a postura doravante pressuposta diante do que se pretende pesquisar. E somente então será possível a formulação de conceitos que, com o passar do tempo, podem colocar em dúvida um quadro de referências antes claro e delimitado, o que permitirá sua reelaboração a partir de multiplicidade de entendimentos (GOODE; HATT, 1989, p. 67).

A metodologia, neste âmbito, perfaz o processo reflexivo que dá condições ao pesquisador de compreender o processo da pesquisa e não apenas seus produtos. Através da metodologia, é possível dar “lugar a uma lógica reconstruída que pode ser independente por completo a lógica-em-uso” (KAPLAN, 1975, p. 26). E essa lógica reconstruída ocorre através da passagem do tempo, exercício inseparável da própria história do conhecimento. As ideias existem e não há como dividi-las em velhas e novas, em modernas e antigas, nem mesmo este trabalho tem a pretensão de realizar um resgate histórico contextual. De qualquer modo, referir-se à metodologia implica o entendimento da ciência e a experiência do passar do tempo não apenas em uma dimensão *chronos* no sentido de medir o tempo (lembrando o cronômetro), ou como uma passagem cíclica de momentos que determinam a vida humana, ou ainda a determinação de datas e ordem de acontecimentos históricos entendidos através da cronologia, mas, sobretudo, a partir de uma outra dimensão, a de consciência acerca do tempo histórico, com o intuito de buscar referências que ensejem a construção contemporânea de um saber comunicacional.

A metodologia como exercício do pesquisador remete a uma tarefa, de acordo com Kaplan, que visa “(...) indicar o estudo – descrição, explicação e, justificação – dos métodos e não os próprios métodos” (1975, p. 21). Defende-se, portanto, que cada pesquisa merece um desenvolvimento epistêmico, para sustentar-se argumentativamente e configurar um pensamento. Em consequência, cada pesquisa é também um saber e um desenvolver metodológico único, um caminho a uma aprendizagem, o que remete ao artesanato intelectual (MILLS, 2009) no pensamento construído pelo pesquisador.

⁵ Ao referir à formação das palavras e seus significados, anomia, heteronomia e autonomia têm origem grega. O dicionário de Filosofia explica que, a primeira, basicamente, significa “ausência de regras”, e é um termo utilizado por sociólogos, como Émile Durkheim, para indicar a ausência/deficiência de organização social. Já heteronomia significa sujeitar-se a uma lei/vontade de outrem, enquanto que autonomia significa a capacidade de governar-se por si próprio, de acordo com Immanuel Kant, em conformidade com uma lei própria, que é a da razão (ABBAGNANO, 2007).

A partir da perspectiva de um pesquisador com autonomia, o método irá configurar o desfecho dessa postura reflexiva metodológica, cujo objetivo está em “(...) descrever e analisar esses métodos, lançando luz sobre suas limitações, realçando sua utilidade, esclarecendo em que se baseiam e as consequências que acarretam” (KAPLAN, 1975, p. 26).

O pesquisador está em relação com seu objeto de pesquisa, busca o entendimento de um processo, articulado ao problema de pesquisa. A jornada de aprender a pensar epistemologicamente acerca de seu papel na construção do conhecimento depende disso, e a escola de Chicago assume relevância nesse sentido, o que está em relação com o processo de construção do saber metodológico comunicacional.

Breve contextualização: Escola de Chicago

Convidado a realizar uma conferência no Brasil sobre a história da Escola de Chicago, Becker (1996) inicia com a criação da Universidade de Chicago no final do século XIX, a partir de doação financeira de John D. Rockefeller, milionário estadunidense à época. Através do recém-contratado professor Albion Small, fomentam-se os estudos acerca da Sociologia nos Estados Unidos, em um contexto de expansão e crescimento demográfico, resultado de acelerado desenvolvimento industrial em Chicago.

Assim, em meados de 1910 e nas décadas seguintes, o departamento de Antropologia e Sociologia da Universidade de Chicago domina o horizonte sociológico estadunidense (COULON, 1995; GOLDENBERG, 2007), cujo foco de investigação passa a ser o meio urbano, dando origem aos estudos que discutem as relações entre cidade e Comunicação. Na Sociologia, o trabalho desenvolvido pelos membros da escola leva à constituição de ramos especializados na chamada Sociologia Urbana, em decorrência ao aparecimento de fenômenos sociais como a criminalidade, delinquência juvenil, desemprego, pobreza, imigração e a formação de guetos.

Do ponto de vista metodológico, a cidade é vista como laboratório social, o que propicia a valorização da pesquisa empírica, em contraponto à inclinação teórica das escolas sociológicas europeias. Enquanto a inspiração teórico-filosófica perdura no

velho continente, busca-se uma abordagem empírica que leve em consideração os sujeitos e o meio social em que vivem.

Em Chicago, pela primeira vez, a pesquisa é privilegiada ante o ensino. Coulton retoma uma passagem onde o primeiro presidente da universidade, William Harper, considera que apenas “quem se dedicou à pesquisa pode ensinar aos demais como pesquisar” (1995, p.13). Assim, eventualmente, professores passam a dedicar-se integralmente à pesquisa. A partir daí emerge a importância de considerar o contexto da pesquisa, o cenário em análise, além do desenvolvimento de métodos de ida a campo. Becker recorda o caráter fundamental de entender o contexto acerca dos fenômenos em estudo, seu testemunho demonstra isso:

Nós éramos muito mais ecléticos em relação a métodos do que as pessoas que conhecíamos e que estavam em outras instituições. Assim, achávamos que era preciso fazer entrevistas, coletar dados estatísticos, ir atrás de dados históricos. Não havia nada demais nisso, tudo isso me parece puro bom senso, mas muitas pessoas tinham uma espécie de apego religioso a métodos de pesquisa (1996, p.186).

Contribui nessa perspectiva a influência do filósofo John Dewey, que juntamente com Charles S. Peirce e William James é considerado um dos criadores da filosofia do pragmatismo (GHIRALDELLI JR, 2007), cujo legado perpassa a escola de Chicago, influencia gerações de pesquisadores e a cultura estadunidense. A perspectiva metodológica a partir dos princípios do pragmatismo busca compreender as dimensões simbólicas e o contexto social dos sujeitos. Aliado a isso, é no empirismo norteado pela comprovação de evidências práticas, que se desenvolvem estratégias de coleta de dados a fim de buscar o entendimento dos sujeitos e seu mundo social. Consequentemente, entre outros fatores, as pesquisas passam a ocorrer de forma localizada, ao que Becker afirma: “(...) Chicago passou a ser a cidade mais pesquisada do mundo e provavelmente o será sempre” (1996, p.183).

A filosofia pragmatista também configura forma e sentido à perspectiva do interacionismo simbólico, através de Charles Cooley, John Dewey e, principalmente, George Mead (JOAS, 1999), cujo trabalho tem prosseguimento com Herbert Blumner (1980). Desde esse ponto de vista, o observável centra-se no sujeito, entendido como protagonista social e intérprete do mundo simbólico do qual faz parte. Na construção do objeto de pesquisa, emergem múltiplos métodos de pesquisa, entre eles, a observação

participante no sentido da interação social e *self* (GOFFMAN, 1985), além da própria etnografia, na busca por compreender o social diante da estrutura. O interacionismo simbólico é especialmente importante em estudos que envolvem microsociologia e psicologia social, sendo desenvolvido, posteriormente, também na Escola de Palo Alto.

Ao considerar a concepção de um pensamento onde a epistemologia enquanto reflexão acerca de conhecimento, de teorias, ideias e busca pela verdade que configuram um saber científico dilui-se diante da pressão por resultados, vícios metodológicos ocorrem no sentido de apropriação de lógicas de maneira naturalizada. O pensar epistemológico origina-se desde outra instância, onde se inclui a discussão metodológica, que pode durar uma vida para sustentar-se cientificamente. Onde, ainda, o tempo experimentado e refletido terá outra dimensão do que apenas cronológica, como referido anteriormente, algo a ser refletido a partir de Chicago.

Na escola, opera a perspectiva funcionalista estrutural, realizada através de *surveys*, entretanto, o ponto de vista antropológico não deixa de ser fundamental (BECKER, 1996). Os fenômenos sociais estudados propiciam o desenvolvimento metodológico das pesquisas, com destaque ao método descritivo. Assim, suscitam as práticas biográficas a partir das histórias de vida individuais ou coletivas dos sujeitos, o que valoriza a análise desde a perspectiva do sujeito a ser pesquisado, que também vigora na contemporaneidade.

Ainda com relação a método, especialmente nos primórdios da Sociologia estadunidense, os estudos de caso remetem à escola de Chicago, cujo enfoque paira nos significados pessoais dos envolvidos no estudo. Posteriormente, seu desenvolvimento metódico corrobora em estudos de caso clássicos traduzidos nos trabalhos de Elihu Katz e Paul Lazarsfeld, determinantes na pesquisa em Comunicação (DONSBACH, 2008).

Diante das relações realizadas, importa considerar o resgate da “teoria da suspeita”, em um cenário de procedimentos dados previamente, muitas vezes colados a determinado objeto de estudo de acordo com a conveniência de estudos anteriores, cujo uso é *naturalizado* com a pretensão de alcançar a eficácia e resultados no processo metódico. Na contramão desse panorama, a escola de Chicago demonstra a importância do desenvolvimento da pesquisa a partir do problema a ser estudado, voltando esforços na ida a campo e na busca por métodos que auxiliem a compreensão dos problemas em estudo. Essa é uma conduta que remete à reflexão crítica necessária que adota a experiência interpretativa no fazer pesquisa, aliada a formação e autonomia do

pesquisador (BLUMMER, 1980). A metodologia, nesse sentido, aparece como o processo reflexivo descrito por Parsons:

As considerações metodológicas entram em cena quando vamos por trás disto para investigar se os procedimentos pelos quais essa observação e verificação foram realizadas – inclusive a formulação das proposições e os conceitos nelas envolvidos, e os modos de extrair conclusões delas – são *legítimos*. Perguntamos se, em bases gerais, à parte dos fatos específicos envolvidos, um procedimento desse tipo pode levar a resultados válidos, ou se nossa impressão de sua validade é ilusória (2010, p. 57-58, grifo do autor).

Apropriações metodológicas desde o saber comunicacional

O que interessa ao comunicólogo? Essa é uma pergunta simples se o seu entendimento não fosse deveras complexo. Os estudos em Comunicação nascem vinculados ao contexto econômico, político e cultural ao longo do século XX, juntamente com o desenvolvimento de outras correntes de pensamento, em contextos específicos de formação. Estabelecem-se, principalmente, a partir de vertentes teóricas onde se constrói a ideia de *media*, onde a sociedade “sente-se” e “situa-se” a partir desses processos, tais como o advento do rádio e da televisão e sua repercussão social advinda da consolidação dos meios de comunicação de massa.

Coincidentemente, as transformações sociais provocadas pelos meios têm início no período auge do departamento de Sociologia estadunidense, e passam a ser analisadas na Escola de Chicago. A popularização ocorre primeiramente com o rádio, nos anos 20 e depois a televisão, a partir dos anos 30. A sociedade descobre-se, logo, através da Comunicação, e um recorte epistêmico que viabiliza uma faceta desse entendimento configura-se no fascínio diante dos meios, o que enseja a formação da sociedade do espetáculo (DEBORD, 2003), que por sua vez dá suporte e circunstância a uma cultura reduzida à informação superficial e entretenimento, na visão de Vargas Llosa (2013).

Da mesma maneira, o casal Mattelart (1991) define contradições e realiza críticas com relação a isso, na filiação aos contextos culturais em detrimento da ideologia da comunicação sem limites. Dessa maneira, desenvolve a ideia da reabilitação do ruído no processo comunicacional, um elemento geralmente esquecido

nas problemáticas, porém fundamental em sua compreensão. Ao ilustrar essa questão, ruídos representam uma noção ampliada de sons, mensagens não codificadas, para além da unilateralidade e direcionamento presente na transmissão de informação concebida como Comunicação. Assim, importam também outras realidades e temporalidades no processo. Diante dessa complexidade, a utilização de técnicas concebidas *a priori* ou métodos instituídos desviam-se da compreensão dos fenômenos comunicacionais. E nesse sentido, Mills compreende que:

Ser dominado por el ‘método’ o por la ‘teoría’ es sencillamente verse impedido para trabajar, para tantear, es decir, para averiguar lo que está sucediendo en el mundo. Sin penetrar el modo como se lleva a cabo el trabajo, los resultados del estudio son poco sólidos; sin la determinación de que el estudio llegue a resultados significativos, todo método es pretensión insignificante (1995, p.135).

Nesse panorama, Sfez (1994) situa os estudos da Comunicação a partir de demandas culturais e sociais, principalmente vinculadas à eclosão de guerras e questões políticas e econômicas. Através de tensões advindas de outras instâncias do conhecimento científico, a ideia de que “tudo comunica” vai se delimitando na medida em que se estabelece um saber comunicacional.

Na escola de Chicago, destaca-se a importância dada na busca pelo diálogo com diferentes áreas, primeiramente com a Antropologia, e posteriormente o vínculo com as Ciências Políticas, Psicologia e a Filosofia (COULON, 1995; GOLDENBERG, 2007). Já os estudos voltados à Comunicação recebem diferentes associações e conformações de pesquisa. No Brasil, a institucionalização da área dentro das Ciências Sociais Aplicadas define-se por Comunicação e Informação, fomentada via recursos advindos de agências governamentais tais como Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)⁶.

Essas diferentes angulações e entendimentos ocorrem em determinado tempo cronológico/social de acordo com andamento do debate epistêmico que as conforma. No que concerne ao entendimento desenvolvido pela escola de Chicago, Becker esclarece que: “(...) para nós a unidade básica de estudo era a interação social, pessoas que se

⁶ É possível consultar maior detalhamento da área no site da Capes. Disponível em: <http://capes.gov.br/component/content/article/44-avaliacao/4662-ciencias-sociais-aplicadas-i> Acesso em: 20 jun. 2017

reúnem para fazer coisas em comum” (1996, p.186). Na ausência de definição de um objeto de estudo comum e, conseqüentemente, de um método específico para operacionalizar a pesquisa de fenômenos comunicacionais, eis que os métodos sociológicos desenvolvidos a partir de Chicago serão sucessivamente adequados aos estudos em Comunicação. Recorre-se à etnografia, à observação participante, às histórias de vida e aos estudos de caso, o que pode ser encontrado, por exemplo, em Goldenberg (2007) ou na coletânea de Duarte e Barros (2008); e atestado na leitura da produção acadêmica dedicada à epistemologia comunicacional recente⁷.

Uma possível elucidação é a tendência no entendimento dos estudos de fenômenos da Comunicação relacionados de forma contínua aos demais saberes, semelhante ao que ocorre na Escola de Chicago em meados do século XX. Segundo Joas (1999), por um lado, os pesquisadores defendem a necessidade de profissionalização das Ciências Sociais e, por outro, também entendem que há responsabilidades que não podem renunciar, no que se refere à gravidade de problemas sociais, principalmente aqueles de cunho religioso. Nessa percepção, Bougnoux contribui para uma mirada complexa ao sustentar que “é preciso, portanto, que nossa comunicação permaneça essa coisa turbulenta e vaga, da qual não há ciência nem técnica, mas que está acima ou enquadra a maior parte delas” (1999, p.18). Ancora-se, para isso, no sentido da transdisciplinaridade:

A ‘comunicação’ resiste assim às tentativas prematuras de fazer dela uma área fechada, universitária ou profissional. É uma disciplina desconfortável para o estudante se este espera um programa, objetos ou perspectivas, pois como a filosofia, ela compensa a sua ausência de fundamentos ou de teoria dominante circulando entre os saberes e questionando estes últimos (BOUGNOUX, 1999, p.14).

No sentido da reflexão em torno do saber metodológico comunicacional, importa problematizar o entendimento acerca de ciência e método com o intuito de compreender o que, de fato, a instância metodológica significa na pesquisa. Russi (2007) traz à tona a questão, especificamente no ingresso/egresso de estudantes da graduação no país e pós-graduação em Comunicação, no âmbito da Universidade de Brasília (UnB), onde constata que:

⁷ Referência à tese em andamento da pesquisadora, desenvolvida na linha de pesquisa Teorias e Tecnologias da Comunicação, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (UnB).

Nesse ambiente, pode-se falar de ausência de noções básicas e falta de clareza no que tange principalmente a: o campo da comunicação, os projetos de pesquisa, a pesquisa em si – método, objeto de pesquisa, problema de pesquisa, técnicas, instrumentos, desenho metodológico, misto entre: técnica, método e metodológico. Também se denota a confusão feita pela opinião vulgar na dicotomia da pesquisa como de tipo fácil/difícil, simples/complicado, possível/impossível e assim por diante (2007, p.4).

Na emergência deste panorama epistemológico, outro possível questionamento, refere-se a como superar o lugar comum e construir uma fala própria desde o lugar distinto de pesquisador (a), remetendo a Foucault (2008), quando existem indicativos suficientes da falta de diálogo referente ao metodológico na Comunicação. Preocupação semelhante à de Maldonado (2002), na construção de uma perspectiva *trans*, especificamente acerca da pesquisa em Comunicação, configurando, assim, uma proposta transmetodológica, contrária ao que denomina de metodologia excludente a qual “impossibilita observações, experimentações, descrições, formulações, interpretações e inovações articuladoras dos fenômenos e processos comunicacionais” (2002, p.11).

Para além disso, o autor considera a dimensão sensitiva/emotiva, crucial na construção do conhecimento que influencia a prática da pesquisa (MALDONADO, 2002), cujo entendimento entra em consonância com a trajetória da Escola de Chicago. O olhar metódico que se mune de uma lente de aumento centrada no aprendizado adquirido apenas na experiência científica, tende a refutar a ideia de experiência processual de pesquisa desde a perspectiva vista, ou seja, que o conhecimento também é construído na experiência sensorial.

O cuidado com a empiria é que, ao ser exaltada, acaba por minar a formulação conceitual como aspecto chave do pensamento científico. Importa lembrar que se vive em uma cultura onde o aprendizado se dá através de exemplos, e não através de conceitos, onde há uma naturalização da busca por responder perguntas, por resultados e, desde o paradigma da medida (BACHELARD, 1996), fazer emergir dados. Estes, órfãos de uma problematização à altura a ser respondida, que significa reflexão diante do caminho trilhado para concluir a jornada.

Considerações finais

Na reflexão epistemológica considerando o viés metodológico em torno de um saber comunicacional, na perspectiva norteadora possibilitada pela Escola de Chicago, conclui-se que esta influencia sobremaneira as pesquisas acerca de fenômenos da Comunicação, ao desenvolver a importância de considerar os contextos, a perspectiva do olhar acerca dos sujeitos da pesquisa e, principalmente, a procura pela construção do objeto de pesquisa na ida a campo.

As contribuições da escola emergem no desenvolvimento de métodos centrados em torno da observação e trabalho de campo para analisar a vida social, que passam a ser relacionados na observação de fenômenos de viés comunicacional. Assim, histórias de vida, etnografia e *surveys* configuram opções disponíveis de olhares metódicos aos pesquisadores da Comunicação. Entretanto, ao considerar as lógicas apropriadas, defende-se que esse empréstimo ocorra desde um entendimento pleno do pesquisador, de autonomia diante do estudo que constrói e que servirá de referência posteriormente, levando em consideração que tanto estudos que remetem a análise estrutural, quanto aqueles voltados a indivíduos também estão presentes no âmbito da Comunicação.

Nesse sentido, reside a tensão apontada no texto, de utilização de métodos advindos das problematizações sociológicas de Chicago a fim de encaixarem-se aos problemas comunicacionais sem a discussão metodológica e o entendimento, inclusive, do conceito metodologia no processo de pesquisar.

Há que se concluir que, na atualidade, a ciência que se consolida, resultante de caminho e esforços no modo de pensar de outrora, estaria em vantagem no que significa compreender as revoluções passadas, uma vez que já as teria ultrapassado. E, assim, em prol dessa aptidão, formular conceitos, entendê-los e considerá-los poderia configurar em algo realizado a partir de um quadro de referências amplo e detalhado de experiências passadas. Porém, a ingenuidade desse pensamento deve ser evitada, a começar pelo intuito desse trabalho, especialmente ao fomentar o debate acerca da metodologia e o saber comunicacional a partir da contribuição da Escola de Chicago.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. Trad. (1ª ed.) Alfredo Bosi; rev. Tradução e novos textos Ivone Castilho Benedetti. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

TROPOS: COMUNICAÇÃO, SOCIEDADE E CULTURA

BACHELARD, G. **A formação do espírito científico**: contribuição para uma psicanálise do conhecimento. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BECKER, H. **A escola de Chicago**. Mana, vol.2, n°.2, Rio de Janeiro. (1996)
Disponível:http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493131996000200008 Acesso em: 20 set. 2016.

BLUMER, H. **A natureza do interacionismo simbólico**. In: Mortensen, C. (Org.) *Teoria da Comunicação*: textos básicos. SP: Mosaico, 1980.

BOUGNOUX, D. **Introdução às ciências da comunicação**. Bauru: EDUSC, 1999.

COULON, A. **A Escola de Chicago**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1995.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. E-Book (2003). Disponível em:
<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf> Acesso em: 15 ago. 2016.

DEMO, P. Um elogio ao Erro. In: **Metodologia científica em ciências sociais**. SP: Atlas, 1995. p. 52-58.

DONSBACH, W. **The international encyclopedia of communication**. Blackwell Publishing: Oxford (UK), 2008.

DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.) **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2ªed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GHIRALDELLI Jr, P. **O que é pragmatismo?** São Paulo: Brasiliense. Coleção Primeiros Passos, 2007.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro, 2007.

GOODE, W. J. & HATT, P. K. **Métodos em pesquisa social**. São Paulo: Ed. Nacional, 1989.

GOFFMAN, E. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.
JOAS, H. Interacionismo simbólico. In: Giddens, A. & Turner, J. (orgs.) **Teoria Social Hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999. pp. 127-174.

KAPLAN, A. **A conduta na Pesquisa**. Metodologia para as ciências do comportamento. São Paulo: EPU/EDUSP, 1975.

KOYRÉ, A. **Estudos de história do pensamento científico**. Brasília: UnB, 1982.

MATTELART, A. & M. **Penser les médias**. 1. ed. Paris: La Découverte, 1991.

MILLS, C. W. **La imaginación sociológica**. Santiago: Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. **Sobre o Artesanato Intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

PARK, R. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. In: BERGER, C; MAROCCO, B. **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

PARSONS, T. **A estrutura da Ação Social**. Um estudo de Teoria Social com especial referência a um grupo de autores recentes. Vol. I – Marshall, Pareto, Durkheim. Petrópolis (RJ): Vozes, 2010.

RAMÓN; CAJAL, S. Preocupações do principiante. In: **Regras e conselhos sobre a investigação científica**. SP: USP, [1920], 1979. p.9-23.

RUSSI, P. Angulações reflexivas sobre um “não saber metodológico”. **Anais XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**, 2007.

SANTAELLA, L. **Comunicação e pesquisa**. São Paulo: Hacker, 2001.

SFEZ, L. **Crítica da comunicação**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

VARGAS LLOSA, M. **A civilização do espetáculo**. Trad. Ivone Benedetti, Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.